

HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**LEPROSY IN CHILDREN UNDER 15 YEARS OLD: A LITERATURE REVIEW****LEPRA EN MENORES DE 15 AÑOS: UNA REVISIÓN DE LITERATURA****Fabiana Drumond Marinho¹****Susilene Maria Tonelli Nardi²****Gilma Corrêa Coutinho³****Mariana Midori Sime⁴****Recebido: 14/08/2014****Aprovado: 09/02/2015**

Este estudo tem como objetivo identificar e analisar a produção científica nacional acerca da hanseníase em menores de 15 anos, no período de 2004 a 2014. Realizou-se pesquisa bibliográfica por meio de busca online, na Biblioteca Virtual em Saúde e nas bases de dados LILACS, Scielo, Pubmed, empregando-se os descritores: hanseníase; criança; adolescente. Em um total de 17 estudos encontrados, 11 deles utilizaram abordagem quantitativa. Os médicos e a região Sudeste foram os que mais desenvolveram pesquisas sobre o tema. A média de publicação de 2004 a 2014 foi de um a dois artigos por ano. Embora 16 artigos tenham apresentado clareza em seus objetivos, observou-se em 10 estudos, carência de informações em seus resumos. Há escassez de publicações nacionais sobre a problemática da hanseníase em menores de 15 anos, conclui-se, portanto, que existe a necessidade de expandir no Brasil pesquisas sobre essa temática.

Descritores: Hanseníase; Criança; Adolescente.

The goal of this study was to identify and analyze Brazilian scientific productions about leprosy in under 15-year-old children between 2004 and 2014. Publications were identified through a search of the Virtual Health Library and LILACS, SciELO, PubMed electronic databases, using the descriptors: leprosy, child and teenager. Seventeen studies were found with eleven of them used a quantitative approach. The most developed research on the topic was by physicians and in the southeastern region. The average publication 2004 to 2014 for one to two articles per year. Although the study objectives were clearly presented in 16 articles, information was missing in ten abstracts. There are very few Brazilian publications on leprosy in under 15-year-old children, and so we conclude that there is a need to expand research in Brazil on this theme.

Descriptors: Leprosy; Child; Adolescent.

El objetivo de este estudio es identificar y analizar la producción científica brasileña sobre lepra en menores de 15 años, del 2004 al 2014, se realizó una investigación *online*, en la Biblioteca Virtual en Salud y en las bases de datos LILACS, Scielo, Pubmed, empleando los descriptores: lepra; niños; adolescente. Se encontraron 17 estudios, 11 de ellos utilizaron un enfoque cuantitativo. Los médicos y la región Sudeste resultaron los que más investigaron sobre el tema. La publicación promedio de 2004 a 2014 durante uno o dos artículos por año. 16 estudios presentaron claridad en sus objetivos, se observó que a 10, les faltaban informaciones en sus resúmenes. Nacionalmente se carece de publicaciones sobre este tema. Por lo que se concluye que existe en Brasil la necesidad de ampliar la investigación en esta temática.

Descriptores: Lepra; Niño; Adolescente.

¹Terapeuta Ocupacional. Especialista em Reabilitação do Membro Superior. Mestre em Teatro com ênfase em Reabilitação de Toxicômanos. Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro do MORHAN. Docente da UFES no Curso de Terapia Ocupacional.

²Terapeuta Ocupacional. Especialista em Desenvolvimento Gerencial. Mestre e Doutora em Ciências da Saúde. Membro do MORHAN. Pesquisadora Científica IV do Instituto Adolfo Lutz - Unidade São José do Rio Preto/SP. Email: susilenenardi@gmail.com

³Terapeuta Ocupacional. Especialista em Reabilitação. Mestre em Ciências Fisiológicas. Doutora em Educação. Vice-coordenadora do curso de Terapia Ocupacional da UFES.

⁴Terapeuta Ocupacional. Especialista em Terapia da Mão e Reabilitação do Membro Superior. Mestre em Terapia Ocupacional. Professor do Curso de Terapia Ocupacional da UFES.

INTRODUÇÃO

A hanseníase, antigamente conhecida como lepra, é considerada como uma das doenças mais antigas e carrega a marca do preconceito e da exclusão ao longo da sua história¹. Muitos autores relatam que a associação da doença com o termo “lepra”, considerada contagiosa, mutilante e incurável, ainda permanece no imaginário das pessoas, sendo determinante para a manutenção do preconceito e dos problemas psicossociais relacionados à doença, trazendo medo e sofrimento aos portadores¹⁻⁴.

O mal de hansen ainda não foi eliminado no Brasil, constituindo assim um problema de saúde pública. Apesar da prevalência da doença no mundo ter apresentado redução nos últimos anos, o Brasil vem registrando cerca de 33.000 casos novos de hanseníase por ano, sendo 7% deles em menores de 15 anos, mantendo a posição do segundo país com a maior quantidade de casos do mundo, perdendo apenas da Índia⁵.

O agente causador da hanseníase denominado *Mycobacterium leprae*, acomete principalmente olhos, mãos e pés devido sua predileção pela pele e pelos nervos periféricos. O bacilo de hansen é considerado de alta infecciosidade, porém de baixa patogenicidade, uma vez que a maioria das pessoas contaminadas não desenvolve a doença^{5,6}.

A principal via de eliminação do bacilo são as vias aéreas superiores e, apesar da doença já ter se manifestado em animais como o tatu e o macaco, o homem é considerado a única fonte de infecção^{6,7}. Dentre os sinais e sintomas da hanseníase destacam-se, sensações parestésicas de extremidades e/ou manchas brancas ou avermelhadas com alteração da sensibilidade, comprometimento dos nervos periféricos, placas, infiltrações, nódulos, entre outros^{2,4}. A doença tem um grande potencial incapacitante que, quando não diagnosticada e tratada precocemente, poderá levar a graves deficiências físicas⁸.

Com a introdução dos esquemas de Poliquimioterapia (PQT), que consiste em

uma combinação medicamentosa, sabe-se, atualmente, que a hanseníase tem cura e seu diagnóstico é essencialmente clínico, porém, quando necessário, são realizados outros exames complementares⁵. O tratamento da hanseníase deve ser feito nas unidades básicas de saúde e, nos casos mais graves, em unidades de maior complexidade^{5,6}. É imprescindível uma prática de assistência integral efetiva, de abordagem interdisciplinar, que ultrapasse o olhar apenas biológico⁹.

A presença da doença em crianças e adolescentes é um importante indicador epidemiológico, pois reflete a expansão da endemia, tornando, portanto, prioridade do Programa Nacional de Controle da doença⁵. Embora a hanseníase seja rara na infância, o grupo etário de 10 anos é o mais afetado devido o longo período de incubação da doença, em média 5 a 7 anos, além do contato prolongado com foco de infecção intradomiciliar^{10,11}.

Crianças e adolescentes acometidos pela hanseníase poderão sofrer impactos de ordem física, emocional e social. Nakae¹ acrescenta nesta perspectiva que a experiência vivenciada da doença nessa faixa etária poderá ser marcada por mudanças nas atividades de vida diária, atividades de vida prática e lazer, devido às manifestações clínicas da hanseníase, os efeitos farmacológicos adversos e o preconceito sofrido.

Corroborando com tais afirmações, Ponte e Ximenes Neto¹² realizaram uma pesquisa com 31 adolescentes com diagnóstico de hanseníase, e os resultados apontaram que a sintomatologia da doença e os efeitos colaterais da medicação tiveram interferência significativa no cotidiano desses adolescentes. Destacou-se, ainda, que a existência do preconceito em relação à doença também contribuiu para as mudanças no convívio social, além de comprometer a autoestima e a saúde mental dos adolescentes.

O elevado número de casos de hanseníase em menores de 15 anos sinaliza para a necessidade de intensificar e ou implementar medidas de prevenção e

controle da doença específicos para essa faixa etária. Contudo, é de suma importância que seja feito um diagnóstico precoce da hanseníase, evitando que esta cadeia de transmissão perpetue e contamine essas crianças e adolescentes, provocando sofrimento que ultrapassa a dor e o mal-estar vinculados ao prejuízo físico, o que causa grande impacto social e psicológico¹³. Também é importante ressaltar que, a escassez de publicações, sobretudo as nacionais, que envolvem a problemática da hanseníase em menores de 15 anos, justifica o interesse em desenvolver uma revisão bibliográfica sobre a produção científica envolvendo essa temática, com o propósito de auxiliar no desenvolvimento de futuras investigações. Além disso, avançar nessa direção poderá trazer subsídios para que as políticas e ações em saúde possam contemplar mais os sujeitos para os quais estas se direcionam, proporcionando melhorias na vida dessas pessoas.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo identificar e analisar a produção científica nacional acerca da hanseníase em menores de 15 anos, no período de 2004 a 2014.

MÉTODOS

O estudo foi realizado por meio de busca *online* das produções científicas nacionais sobre a hanseníase em menores de 15 anos no período de 2004 a 2014. Empreendeu-se um levantamento bibliográfico na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo utilizadas as bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), e no periódico *Hansenologia Internationalis*, por se tratar de uma revista que aborda temas específicos sobre a hanseníase, não estando indexada nas bases de dados supracitadas. Empregaram-se os descritores: hanseníase; criança e, adolescente.

Segundo Trentini e Paim^{14:24}, a revisão bibliográfica ou revisão de literatura é definida como uma fonte de informação para as pesquisas bibliográficas. Estas

pesquisas incluem estudos que “propõem a construção de teorias e marcos conceituais pelo método dedutivo, estudos conduzidos para traçar uma imagem do saber produzido ou os vazios em determinados fenômenos”.

Estabeleceu-se para a seleção da amostra, artigos publicados brasileiros, no período de 2004 a 2014, que apresentassem de maneira explícita no título e/ou resumo a problemática da hanseníase em menores de 15 anos, independente do método de pesquisa utilizado. Foram excluídos os artigos que apenas citavam o tema proposto, cujo objetivo principal do estudo não se direcionava somente à hanseníase em menores de 15 anos.

A seguir, procedeu-se a leitura do material levantado. Identificou-se 18 trabalhos. Um estudo foi excluído por ter sido publicado antes de 2004. Dessa forma, a amostra final foi composta por 17 artigos científicos, pois estavam relacionados à temática, atendiam ao objetivo proposto e contemplavam os critérios de inclusão estabelecidos.

Desenvolveu-se um formulário de coleta de dados considerando informações específicas de cada artigo, relacionadas à autoria, local, ano de publicação, fonte de localização, resumo, objetivos, delineamento e características do estudo, instrumentos de coleta de dados, análise dos dados, resultados e discussão e conclusão. Esta planilha foi ordenada de acordo com o ano de publicação dos artigos. A partir desta organização procedeu-se a análise de conteúdo dos artigos selecionados.

RESULTADOS

Os estudos selecionados na revisão bibliográfica foram classificados e discutidos conforme os seguintes critérios: periódicos e ano de publicação, profissão dos autores, local da pesquisa, apresentação dos resumos, objetivos dos estudos, tipo de metodologia, instrumentos de coleta e análise dos dados e resultados. Ao final, realizou-se uma síntese das conclusões obtidas pelas pesquisas levantadas, apresentadas no Quadro I.

Quadro 1: Publicações segundo ano, autores, título e periódico. 2004 a 2014.

Ano	Artigo	Periódico
2004	ARAÚJO, M.G. et al. Detecção da hanseníase na faixa etária de 0 a 14 anos em Belo Horizonte no período 1992-1999: implicações para o controle	Rev. méd. Minas Gerais
2005	FERREIRA, I.N.; ALVAREZ, R.R.A. Hanseníase em menores de quinze anos no município de Paracatu, MG (1994 a 2001)	Rev Bras Epidemiol
2005	PONTE, K.M.A.; NETO XIMENES, F.R.G. Hanseníase: a realidade do ser adolescente	Rev Bras Enferm
2007	LANA, F.C.F. et al. Hanseníase em menores de 15 anos no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil	Rev Bras Enferm
2007	FERREIRA, I.N.; EVANGELISTA, M.S.N.; ALVAREZ, R.R.A. Distribuição espacial da hanseníase na população escolar em Paracatu – Minas Gerais, realizada por meio da busca ativa (2004 a 2006)	Rev Bras Epidemiol
2008	ALENCAR, C.H.M. et al. Hanseníase no município de Fortaleza, CE, Brasil: aspectos epidemiológicos e operacionais em menores de 15 anos (1995-2006)	Rev Bras Enferm
2008	IMBIRIBA, E.B. et al. Perfil epidemiológico da hanseníase em menores de quinze anos de idade, Manaus (AM), 1998-2005	Rev Saúde Pública
2008	FERREIRA, I.N. et al. Uso do teste ML Flow em escolares diagnosticados com hanseníase no Município de Paracatu, Minas Gerais	Rev. Soc. Bras. Med. Trop.
2009	COSTA, A.L.F.; OLIVEIRA, M.L.W.D.R. Falhas da vigilância epidemiológica da hanseníase: 4 casos multibacilares em crianças, no estado do PI	Hansen Int
2009	BARBIERI, C.L.A.; MARQUES, H.H.S. Hanseníase em crianças e adolescentes: revisão bibliográfica e situação atual no Brasil	Rev Paul Pediatr
2010	FLACH, D.M.A.M. et al. Análise da Série Histórica do Período de 2001 a 2009 dos casos de hanseníase em menores de 15 anos no Estado do Rio de Janeiro	Hansen Int
2011	SOUZA, V.F.M. et al. Relato de três casos novos de hanseníase em menores de quinze anos no município de Itaguaí, Rio de Janeiro – evento de alerta para investigação epidemiológica	An Bras Dermatol
2011	SANTINO, L.S. et al. Hanseníase dimorfa reacional em criança	Hansen Int
2012	PIRES, C.A.A. et al. Hanseníase em menores de 15 anos: a importância do exame de contato	Rev Paul Pediatr
2013	Prata, A. C. S. ; Silva, G. R. C. ; Mendes, M. e cols. Diagnóstico e conduta da hanseníase na faixa etária infantil – a propósito de um caso	Revista SPDV
2013	Sousa, B. R. M. et. al. Educação em saúde e busca ativa de casos de hanseníase em uma escola pública em Ananindeua, Pará, Brasil	Rev Bras Med Fam Comunidade
2014	Neder, L. et. Al. Manifestações musculoesqueléticas e autoanticorpos em crianças e adolescentes com hanseníase	J Pediatr

A Revista Brasileira de Enfermagem e o periódico Hansenologia Internationalis apresentaram um número maior de publicação na área de interesse com três (03) estudos cada, seguida da Revista Brasileira de Epidemiologia com dois (02) estudos. Os demais artigos foram publicados em diferentes revistas. Os descritores elegidos estiveram presentes nos títulos de treze (13) trabalhos.

Em relação ao ano de publicação, de 2004 a 2014 observou-se uma média de um a dois trabalhos publicados por ano. No entanto, em 2008 constatou-se três (03) estudos e apenas em 2006 não se identificou nenhum trabalho.

No que se refere à profissão dos autores, a maioria são médicos, três (03) são enfermeiros, havendo também a participação de outros profissionais, como: um (01) farmacêutico e um (01) assistente social. Três (03) trabalhos foram realizados pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e três (03) estudos estavam vinculados à Universidades Federais e Estaduais.

A maioria dos estudos foi desenvolvida na região Sudeste (10 estudos), seguido pelo Nordeste (03 estudos), Norte (03 estudos) e um (01) no Centro-Oeste. Não se encontrou trabalhos na região Sul.

Embora dezesseis (16) artigos apresentaram clareza no objetivo do estudo,

observou-se em dez (10) estudos, carência de informações em seus resumos, tais como: tipo de estudo, instrumento de coleta e análise dos dados.

Os caminhos metodológicos trilhados foram demonstrados com clareza em 15 artigos, sendo que, nos outros dois estudos, os autores apenas destacaram os passos mais marcantes da metodologia para a execução da pesquisa.

Quanto ao delineamento de pesquisas mais frequentes na amostra estudada, onze (11) artigos que utilizaram a abordagem metodológica quantitativa, cinco (05) desenvolveram estudos com métodos qualitativos e um (01) utilizou o método misto.

Ao analisar a abordagem metodológica, verificaram-se cinco (05) estudos de caso, um (01) trabalho de revisão bibliográfica e onze (11) estudos

epidemiológicos, dentre eles, ecológico, transversal, estudo de coorte e descritivo.

Dentre os instrumentos de coleta de dados utilizados predominou os dados secundários coletados a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN (05 estudos) específico para casos de hanseníase na população na faixa-etária de 0 a 14 anos. Dois trabalhos também consultaram o banco de dados *online* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para obtenção dos dados. Os outros estudos utilizaram diversos tipos de instrumentos, tais como, questionário, formulário, testes, observação e entrevista semiestruturada. Apenas um artigo não apontou a ferramenta utilizada para a coleta de dados. Em relação à técnica de análise dos dados, na maioria dos estudos analisados, os autores utilizaram a análise estatística, como no Quadro 2.

Quadro 2: Publicações conforme tipo de estudo, instrumento de coleta e análise de dados.

Artigo	Tipo de estudo	Instrumento de coleta de dados	Análise dos dados
Detecção da hanseníase na faixa etária de 0 a 14 anos em Belo Horizonte no período 1992-1999: implicações para o controle	Estudo transversal de natureza descritiva	Fichas de notificação de casos de hanseníase	Banco de dados criado no <i>software</i> EPI INFO (versão 6.01)
Hanseníase em menores de quinze anos no município de Paracatu, MG (1994 a 2001)	Estudo epidemiológico de natureza descritiva	Não identificou-se o instrumento de coleta de dados	Análise descritiva de dados e do teste de Wilcoxon para os dados não paramétricos.
Hanseníase: a realidade do ser adolescente	Estudo exploratório e descritivo	Prontuário, questionário sócio-demográfico e de caracterização da doença e entrevista semiestruturada	Não identificou-se a forma de análise dos dados
Hanseníase em menores de 15 anos no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil	Estudo ecológico do tipo transversal	Fichas de notificação de casos de hanseníase e consulta ao bancos de dados <i>online</i> do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do DATASUS/MS	Banco de dados criado no <i>software</i> EPI INFO (versão 6.01) e análises das forças de associação entre as duas faixas etárias (menor e maior de 15 anos) e as variáveis Sexo, Presença de Incapacidades, Classificação Operacional e forma de descoberta.
Distribuição espacial da hanseníase na população escolar	Estudo epidemiológico do tipo coorte e prospectivo e ecológico.	Palestra sobre hanseníase em escolas. Exame dermatoneurológico simplificado nos casos suspeitos, avaliação médica acrescido do	Construção de banco de dados utilizando o <i>software</i> Excel e na análise não-

em Paracatu – Minas Gerais, realizada por meio da busca ativa (2004 a 2006)		exame imunológico de PGL-1 / ML FLOW	paramétrica os testes do χ^2 , além do Kolmogorov-Smirnov, Intervalo de Confiança (IC: 95%) e Risco Relativo (RR) e o software Auto CAD release 2000
Hanseníase no município de Fortaleza, CE, Brasil: aspectos epidemiológicos e operacionais em menores de 15 anos (1995-2006)	Estudo inter-relacional transversal	Dados secundários a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)	Softwares TabWin (DATASUS) e Excel (Microsoft®)
Perfil epidemiológico da hanseníase em menores de quinze anos de idade, Manaus (AM), 1998-2005	Estudo descritivo, retrospectivo	Dados secundários a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)	Programa EpiInfo 3.3.2
Uso do teste ML Flow em escolares diagnosticados com hanseníase no Município de Paracatu, Minas Gerais	Estudo epidemiológico do tipo descritivo e exploratório de dados epidemiológicos, clínicos e laboratoriais.	Palestra sobre hanseníase em escolas. Exame dermatoneurológico simplificado nos casos suspeitos, avaliação médica acrescido do exame imunológico de PGL-1 / ML FLOW	Construção de banco de dados utilizando o software Excel e na análise não-paramétrica os testes do χ^2 , além do Kolmogorov-Smirnov, Intervalo de Confiança (IC: 95%)
Falhas da vigilância epidemiológica da hanseníase: 4 casos multibacilares em crianças, no estado do PI	Estudo de casos clínicos de hanseníase em contatos familiares	Exame físico realizado por dermatologistas	
Hanseníase em crianças e adolescentes: revisão bibliográfica e situação atual no Brasil	Revisão bibliográfica	PubMed e em sites oficiais do Ministério da Saúde do Brasil e da Organização Mundial da Saúde	
Análise da Série Histórica do Período de 2001 a 2009 dos casos de hanseníase em menores de 15 anos no Estado do Rio de Janeiro	Estudo retrospectivo	Dados secundários a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)	Aplicativo TABWIN, e posteriormente transferência para o programa Excel
Relato de três casos novos de hanseníase em menores de quinze anos no município de Itaguaí, Rio de Janeiro – evento de alerta para investigação epidemiológica	Estudo de casos	Exame físico e exame histopatológico	

Hanseníase dimorfa reacional em criança	Estudo de caso	Exame de contatos intradomiciliares, exame físico, exame histopatológico e teste Mitsuda.	
Hanseníase em menores de 15 anos: a importância do exame de contato	Estudo de casos	Exame de contatos intradomiciliares, exame físico, baciloscopia do raspado intradérmico, exame histopatológico	
Diagnóstico e conduta da hanseníase na faixa etária infantil – a propósito de um caso	Estudo de casos	Exame físico	
Educação em saúde e busca ativa de casos de hanseníase em uma escola pública em Ananindeua, Pará, Brasil	Estudo descritivo	Palestra em sala de aula sobre a hanseníase, exame clínico nos casos suspeitos e questionário sociodemográfico	Software Microsoft Office Excel 2007
Manifestações musculoesqueléticas e autoanticorpos em crianças e adolescentes com hanseníase	Estudo transversal	Exame musculoesquelético, exame clínico da hanseníase, escala visual analógica (EVA), questionário de Avaliação de Saúde Infantil (<i>Childhood Health Assessment Questionnaire</i> [CHAQ]) exame laboratorial (autoanticorpos e crioglobulinas)	testes <i>t</i> de Student ou Mann-Whitney e teste exato de Fisher

Todos (100%) os trabalhos apresentaram com clareza os resultados encontrados. Estes estavam coerentes à temática desenvolvida e respondiam às questões levantadas no estudo, facilitando a melhor compreensão do leitor.

DISCUSSÃO

Apesar do coeficiente de detecção da hanseníase em menores de 15 anos ser considerado alto segundo a OMS⁵, notou-se uma carência de publicações sobre essa temática no Brasil. O desenvolvimento de novos estudos poderá contribuir para a divulgação do conhecimento sobre a doença, com especial atenção as crianças e adolescentes diagnosticados com hanseníase.

Devido à complexidade da moléstia, é indiscutível a importância de equipe interdisciplinar capacitada para o atendimento da pessoa acometida pela doença. Alguns estudos retratam a existência de uma fragilidade nas práticas de saúde voltadas para a abordagem coletiva da hanseníase. No entanto, ressalta-se que

diferentes categorias de profissionais, em especial da saúde, devem estar envolvidas em projetos de pesquisa visando melhorias na assistência e na qualidade de vida desses pacientes¹⁵.

Segundo os dados epidemiológicos do Ministério da Saúde em 2012¹⁶, a região Sul tem o coeficiente de detecção de hanseníase em menores de 15 anos mais baixo do país (0,9/100.000 habitantes), o que provavelmente justifica a ausência de pesquisas nessa região. Porém, em contraposição, a região Sudeste encontra-se em segundo lugar, e, foi a que apresentou o maior número de publicações. Identifica-se a necessidade de desenvolver mais pesquisas, principalmente nas regiões cujo coeficiente de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos ainda é alto, como no Norte e no Nordeste, pois ambas as regiões revelaram pequenos números de publicações.

Atentou-se à apresentação dos resumos dos trabalhos, cuja orientação e exigência da elaboração do mesmo é indicar uma breve introdução do assunto tratado,

bem como uma descrição sucinta das técnicas de pesquisa utilizadas e dos resultados encontrados. A maioria dos resumos apresentou carência de informações em especial sobre a coleta e análise dos dados (10 trabalhos). Apenas um artigo não apresentou os resultados encontrados em seu resumo. Esse item em um artigo é de suma importância, pois se trata de uma síntese dos componentes-chave da metodologia do estudo e dos achados importantes da pesquisa.

Em 92% (n=16) dos estudos o objetivo do trabalho foi apresentado de forma clara, ou seja, possibilitaram o fácil entendimento do leitor. Segundo Creswell¹⁷, o objetivo é a etapa mais importante em um estudo, pois é a partir dele que seguem todos os outros passos da pesquisa. É no objetivo que se estabelece os propósitos, a intenção e a ideia principal de um estudo. O pesquisador deve explicitá-lo com clareza, para atingir fins específicos que responderão ao seu problema de pesquisa, denotando cuidado na organização do seu trabalho.

Após a leitura detalhada dos artigos selecionados, procurou-se compreender os caminhos metodológicos que os autores seguiram para a construção de seus trabalhos. Em quinze (15) artigos esse passo foi definido com clareza, enquanto que em dois (2) estudos, os autores apenas destacaram os passos mais marcantes da metodologia para a execução da pesquisa. Marconi e Lakatos¹⁸ afirmam que o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que permite alcançar o objetivo. A natureza do problema é determinante para a escolha adequada do método de pesquisa. Contudo, considera-se que quanto maior a transparência e o rigor no desenvolvimento do estudo, maior será o grau de validade conferida aos resultados.

Quanto ao delineamento de pesquisas, sabe-se que os estudos quantitativos prevêm a mensuração de variáveis pré-estabelecidas. Utiliza-se o raciocínio dedutivo, onde o pesquisador inicia o plano de estudo com uma teoria e, então, coleta evidências com o objetivo de testar ou verificar essa teoria¹⁷. Em

contrapartida, nos estudos qualitativos o processo de pesquisa é indutivo. Aqui, se inicia com objetivos exploratórios mais amplos e o pesquisador busca a teoria como uma fonte de explicação para comportamentos e atitudes, que também pode ser completada com variáveis, construções e hipóteses¹⁷. Já nos desenhos com métodos mistos ou múltiplos, ocorre a combinação de métodos qualitativos e quantitativos dentro do mesmo estudo¹⁹.

O alvo de interesse dos pesquisadores que se utilizam de desenhos de estudos qualitativos voltados para o contexto das Ciências do homem e da saúde, não é o fenômeno em si, mas sim a "*significação que tal fenômeno ganha para os que o vivenciam*"²⁰. Nesse sentido, considerando o elevado número de pesquisas quantitativas na amostra estudada, identifica-se a necessidade de outros estudos de abordagem qualitativa, no intuito de investigar os sentimentos, ideias e comportamentos de crianças e adolescentes com hanseníase, compreendendo o que o fenômeno da doença representa para eles.

A epidemiologia utiliza métodos quantitativos para estudar a ocorrência de doenças na população e para definir as estratégias de prevenção e controle²¹. Em um estudo ecológico, as unidades de análise são grupos de pessoas e não o indivíduo isolado. Os dados podem ser extraídos de diversas fontes e de diferentes populações. Nos estudos transversais o principal objetivo é medir a prevalência da doença. Estes são de fácil condução e relativamente baratos, ao contrário dos estudos de coorte que são bastante caros por requererem longos períodos de acompanhamento²¹. Este último tem como objetivo comparar um grupo de pessoas com a doença (os casos) com outro grupo sem a doença (os controles). Os estudos de coorte são importantes para fornecer informações sobre a etiologia, bem como as medidas mais diretas do risco de desenvolvê-la²¹. Nas pesquisas descritivas busca-se estudar a distribuição da doença num determinado local. Para isso, realiza-se a formulação de hipóteses e utiliza-se de algumas variáveis para auxiliar o estudo. A

obtenção dos dados pode ser feita através de fontes primárias ou secundárias²¹.

Todos esses tipos de estudos epidemiológicos constituem uma fonte importante para obter informações sobre a problemática da hanseníase em menores de 15 anos. Por essa razão, tais estudos continuam sendo essenciais, pois possibilitam contribuir para a estruturação das ações de prevenção e controle da doença, além da promoção da saúde.

Entre os estudos que utilizaram a abordagem metodológica qualitativa, o método utilizado foi o relato ou estudo de caso. O estudo de caso é definido como aquele que examina um fenômeno em seu ambiente natural, pela aplicação de diversos métodos de coleta de dados, visando obter informações de uma ou mais entidades²². Entre as vantagens do estudo de caso, destaca-se a possibilidade de estudar em profundidade um aspecto do problema, dentro de um período de tempo limitado, estimular novas descobertas e, ainda é apropriado para explorar casos atípicos ou extremos para melhor compreender os processos típicos²². A principal limitação do estudo de caso é a dificuldade de generalização dos dados obtidos.

A submissão e aprovação dos projetos de pesquisa por um Comitê de Ética foram citadas em apenas sete trabalhos. Isso se explica, pelo fato da maioria das pesquisas não ter tido o envolvimento de seres humanos, onde a maioria dos dados foi obtida através de fontes secundárias, como por exemplo, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). É importante destacar que, segundo a Resolução 466/12, toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida à avaliação ética²³. Em casos impraticáveis de conseguir o consentimento, o pesquisador deve garantir o sigilo das informações prestadas.

A hanseníase é uma doença de notificação compulsória e de investigação obrigatória em todo território nacional. Com a estruturação do Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica no Brasil tornou-se obrigatória a notificação de algumas

doenças transmissíveis, com o objetivo de reduzir os coeficientes de detecção e prevalência dessas doenças no país, com vistas a contribuir para a melhoria da saúde da população¹⁶. Cada caso diagnosticado deve ser notificado pelos profissionais das unidades de saúde. Estes utilizam uma ficha de notificação e investigação, do SINAN. A notificação deve ser enviada ao órgão de vigilância epidemiológica, permanecendo uma cópia no prontuário do paciente. O SINAN tornou-se uma ferramenta importante para compilar os dados para uma investigação operacional, mas infelizmente ainda não pode ser utilizada com exclusividade para um trabalho científico, haja vista os erros de digitação e dificuldades na fidedignidade completa de seus dados.

Prevaleceu como técnica de análise dos dados nos estudos analisados, a análise estatística. Tabelas e gráficos apresentaram de forma clara o resumo dos dados encontrados, tornando os resultados mais consistentes. Apenas um estudo não apontou explicitamente o método de análise utilizado. Os processos de análise e interpretação dos dados variam de acordo com o delineamento da pesquisa. No estudo de caráter quantitativo, geralmente os dados coletados são submetidos à análise estatística com auxílio do computador e *software* estatístico. Na pesquisa qualitativa, a análise é realizada durante e após a coleta dos dados e os resultados são retratados por meio de categorias, unidades de significado, ou outro tipo de análise de acordo com a teoria que a fundamenta.

Os resultados de um estudo devem apresentar com clareza seus achados. Nessa revisão todos os trabalhos apresentaram claramente seus resultados e conduziam o leitor a compreender o caminho que se percorreu para responder ao objetivo, sendo, portanto coerentes à temática desenvolvida.

Os resultados apresentados nos artigos levantados foram diversos, no entanto, na maioria dos trabalhos os autores apontaram nas suas conclusões a importância da busca ativa na população menor de 15 anos, em especial por meio dos comunicantes dos doentes, visando à

detecção precoce dos casos suspeitos para evitar sequelas e agravos decorrentes do diagnóstico tardio, bem como os danos sofridos pelo estigma social²⁴.

A alta detecção em menores de 15 anos revela a persistência da transmissão do bacilo e as dificuldades dos programas de saúde para o controle da doença²⁵. Além disso, outro ponto levantado foi a necessidade de intensificar e/ou implementar ações de prevenção e controle da hanseníase específico para essa faixa etária, além de atualização para as equipes de saúde e divulgação dos sinais e sintomas da doença para a população.

CONCLUSÃO

Ao revisar a produção científica nacional referente à hanseníase em menores de 15 anos, foi possível identificar que, embora a maioria dos artigos tenha apresentado com clareza seus objetivos e desenhos de pesquisa adequados, alguns resumos não expuseram de forma clara e concisa as informações mais pertinentes do trabalho.

Considera-se relevante destacar a necessidade de pesquisadores em outras áreas do saber, tendo em vista que a maioria dos autores se concentrou no profissional médico. É importante lembrar que a hanseníase ainda representa um grave problema de saúde pública, de forma que diferentes especialidades devem se envolver nas ações de prevenção e controle da doença, desenvolvendo uma análise crítica do contexto da prática, para que o surgimento de dúvidas possa ser transformado em questões de pesquisa, e, dessa forma, contribuir para a ampliação do conhecimento da hanseníase e suscitar mudanças do cenário atual.

Pela caracterização das publicações analisadas, ressalta-se a necessidade de novos estudos, principalmente de abordagem qualitativa, contribuindo para um olhar mais aprofundado das crianças e adolescentes acometidos pela hanseníase, no sentido de compreender o significado da doença, suas vivências e representações dessa experiência para a pessoa, bem como,

para os seus familiares, amigos e profissionais envolvidos.

Por fim, traçando um panorama sobre a amostra estudada, conclui-se que a pesquisa sobre hanseníase em menores de 15 anos deve ser expandida no Brasil, devido à pequena produção encontrada, a fim de favorecer para a desconstrução de crenças arcaicas sobre a doença, com vistas a melhorar a assistência, bem como prevenir os eventuais prejuízos que a hanseníase poderá acarretar à vida dessas pessoas.

REFERÊNCIAS

1. Nakae FM. Nada será como antes - o discurso do sujeito coletivo. *Psic Rev Psicol Vetor Ed.* 2002; 3(2):54-73.
2. Baialardi KS. O estigma da hanseníase: relato de uma experiência em grupo com pessoas portadoras. *Hansen Int.* 2007; 32(1):27-36.
3. Lopes CB, Carmo TMD, Nascimento E, Maia MAC, Goulart MJP. Percepções e significados do diagnóstico e convívio com a hanseníase. *Ciênc et Prax.* 2010; 3(6):13-8.
4. Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Ministério da Saúde. Guia para o controle da Hanseníase. [Internet]. Brasília (DF), 2002 [citado em 20 ago. 2013]. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1466>
5. Ministério da Saúde (Br). Portal da Saúde. [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; c2013 [citado em 20 ago. 2013]. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>>
6. Lyon S, Grossi MAF. Hanseníase. Rio de Janeiro: MEDBOOK, 2013. 520p.
7. Opromolla DVA. Noções de hansenologia. Bauru: Centro de Estudos Dr. Reynaldo Quagliato; 2000. 123p.
8. Silveira IR, Silva PR. As representações sociais do portador de hanseníase sobre a doença. *Saúde Coletiva* 2006; 3(12):112-7.
9. Santos VC, Pardo MBL. Percepções de portadores de hanseníase sobre a doença, seu tratamento e as repercussões em seu cotidiano: um estudo no município de Nossa

Senhora do Socorro – Sergipe. Rev Saúde Ambiente. 2006; 7(1):30-8.

10. Santino LS, Barreto JA, Martins ALGP, Alves FS. Hanseníase dimorfa reacional em criança. Hansen Int. 2011; 36(1):51-7.

11. Amador MPSC, Barros VRS, Albuquerque PJBS, Buna MIF, Campos JM. Hanseníase na infância no município de Curionópolis - sudeste do Estado do Pará - relato de caso. Hansen Int. 2011; 26(2):121-5.

12. Ponte KMA, Ximenes Neto FRG. Hanseníase: a realidade do ser adolescente. Rev Bras Enferm. 2005; 58(3):296-301.

13. Nunes JM, Oliveira EM, Vieira NFC. Hanseníase: conhecimentos e mudanças na vida das pessoas acometidas. Ciênc saúde coletiva. 2011; 6(supl.1):1311-8.

14. Trentini M, Paim L. Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente assistencial. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

15. Lanza FM, Lana FCF. O processo de trabalho em hanseníase: tecnologias e atuação da equipe de saúde da família. Texto Contexto Enferm. 2011; 20(Esp):238-46.

16. Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Programa Nacional de Controle da Hanseníase. Vigilância em Saúde: Situação epidemiológica da hanseníase no Brasil – análise de indicadores selecionados na última década e desafios para eliminação. Boletim Epidemiológico. 2013; 11:1-12.

17. Creswell JW. Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed; 2007.

18. Marconi MA, Lakatos EM. Metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas; 2010.

19. Flick U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.

20. Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev Saúde Pública. 2005; 39(3):507-14.

21. Bonita R, Beaglehole R, Kjellström T. Epidemiologia básica. 2. ed. São Paulo: Santos; 2010.

22. Ventura MM. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. Rev SOCERJ. 2007; 20(5):383-6.

23. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Comitê Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humano. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 1997.

24. Flach DMAM, Andrade M, Paiva e Valle CL, Pimentel MIF, Mello KT. Análise da série histórica do período de 2001 a 2009 dos casos de hanseníase em menores de 15 anos, no estado do RJ. Hansen Int. 2010; 35(1):13-20.

25. Pires CAA, Malcher CMSR, Abreu Júnior JMC, Albuquerque TG, Corrêa IRS, Daxbache ELR. Hanseníase em menores de 15 anos: a importância do exame de contato. Rev Paul Pediatr. 2012; 30(2):292-5.

CONTRIBUIÇÕES

Todas as autoras tiveram iguais contribuições no desenho, levantamento e redação final do artigo.